

## VOZES QUE CONTAM: NARRATIVAS ORAIS E HISTÓRICAS DOS IMIGRANTES DE PARAGOMINAS-PA

Aida Suellen Galvão Lima<sup>1</sup>  
José Guilherme de Oliveira Castro<sup>2</sup>

**RESUMO:** Qual a importância das narrativas orais na construção da história de um lugar? Com pesquisas realizadas no bairro Centro, em Paragominas-PA, por meio das narrativas orais de seus moradores, pretende-se analisar o papel do imigrante pioneiro na construção histórica da cidade. De forma mais específica, pela análise das narrativas orais contadas por eles, busca-se discutir de que forma essas narrativas podem conter elementos históricos que as tornem importantes e passíveis de serem registradas no âmbito dos estudos históricos oficiais. E nesse aspecto, percebe-se que, em estudos históricos e oficiais, as narrativas orais perdem seus caracteres relevantes nos registros, porém deve-se levar em consideração que as memórias narradas também são formas históricas, além de práticas essenciais em qualquer sociedade; capazes de estabelecer vínculos, registros, construir identidades coletivas e reafirmar o próprio pertencimento no novo lugar escolhido.

**Palavras-chave:** Memória. Narrativas Oraís. História. Imigrante.

**ABSTRACT:** What is the importance of oral narratives in building the history of a place? To research conducted at the Center district of Paragominas-PA, through oral narratives of its residents, it intends to analyze the pioneer immigrant role in the historical building of the city. More specifically, the analysis of oral narratives told by them, seek to discuss how these narratives may contain historical elements that become important and capable of being registered under the official historical studies. And in this regard, it is clear that in historical and official studies, oral narratives lose their relevant characters in the records, but must take into account that also narrated memories are historical forms, as well as essential practices in any society; able to bond, records, building collective identities and reaffirm the membership itself in the new chosen place.

**Keywords:** Memory. Oral narratives. History. Immigrant.

O estudo que se apresenta tem o intuito de refletir sobre as diferentes narrativas que contam as histórias da cidade de Paragominas (PA), definindo os sujeitos viventes na construção da cidade, em diferentes tempos e, que no presente se ressignificam como agentes sociais, tornando-se imigrantes pioneiros e pertencentes desse espaço.

Do contato com os narradores resultou a dissertação de mestrado: *Entre Partidas e Chegadas: matrizes poéticas dos imigrantes de Paragominas-PA*, concluída em 2014 e orientada pelo Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. José Guilherme Castro, que trata sobre esses sujeitos considerados diferentes, mas que carregam consigo características próprias do seu mundo vivido. Sendo

---

<sup>1</sup> Mestre em Comunicação, Linguagem e Cultura da Universidade da Amazônia-UNAMA. Email- palavramusical@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Letras, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Professor adjunto da Universidade da Amazônia-UNAMA. Email- zevone@superig.com.br

assim, este texto mostra o contraponto entre a história oficial de Paragominas-PA e a história vivida pelos que participaram da construção da cidade.

Na dissertação mencionada alguns passos foram tomados, dentre eles: no primeiro momento foi realizado o mapeamento da cidade, andamos por praças, secretaria de cultura e o parque ambiental, onde existe um pequeno museu que conta a história da origem da cidade. É preciso ressaltar que, além do museu, a história da cidade consta em um livro escrito por uma professora, historiadora, residente na cidade. Num segundo momento, realizamos entrevistas orais coligidas por instrumentos tecnológicos para capturar as vozes de seis narradores que se tornaram os sujeitos da pesquisa.

A partir das narrativas de vivências dos imigrantes, percebeu-se a necessidade de reconhecer esses sujeitos contadores, conectados às suas origens que contam uma nova história da cidade, uma história não oficial. De forma, a dar respaldo e ressonância ao texto trataremos de temas como: Memória, Narrativas Oraís e História. Com autores que nos permitiram compreender as trajetórias desses sujeitos, seus movimentos e suas procuras. Sendo assim, as reflexões das histórias de origem da cidade dar-se-ão pelas perspectivas das vivências desses colaboradores na construção histórica do lugar.

O trabalho com História Oral ocupa papel importante nesta pesquisa, devido a sua pertinência para produções de evidências relacionadas ao objeto de estudo. Essa é a vantagem de se trabalhar com essa metodologia. No caso desta pesquisa, por exemplo, alguns dos narradores possuem pouca ou nenhuma escolarização, como afirma um dos narradores “não, não estudei nada, não sei ler nem escrever” (Narrador um). Então, a História Oral cumpre o papel não só de valorização das experiências de vida dessas pessoas, como também os saberes e formas de comunicação características da oralidade.

Nesse sentido, vamos conhecer em rápidas linhas o *locus* da pesquisa, uma cidade em meio à floresta amazônica. Paragominas foi planejada, porém sua construção aconteceu de forma desgovernada. Atraídas pelo sonho, muitas pessoas deixaram seus lugares de origem em busca de investimentos financeiros, qualidade de vida e emprego. É um lugar habitado por pessoas vindas de todas as partes, mas que convivem pacificamente, conforme nos afirma um dos narradores “não, aqui todo mundo foi unido, toda vida, até hoje eu não tenho inimizade aqui dentro de Paragominas com ninguém” (Narrador três).

Dessa maneira, se fez fundamental conhecer alguns imigrantes que vivenciaram e compartilham desse espaço, suas memórias e outras narrativas que cercam as lembranças desses agentes históricos, principalmente os vindos de Minas e Goiás (pessoas essas que dão nome ao lugar Paragominas, uma mescla de mineiros, goianos e paraenses que primeiro habitaram e

construíram a cidade). Porém, em meio às andanças pela cidade observou-se que no lugar há pessoas vindas de outras regiões, dentre eles capixabas, nordestinos e do próprio Pará, que compõem esse espaço de diversidades culturais.

Sendo assim, os narradores imigrantes buscaram fragmentos, através dos recursos mnemônicos e da oralidade e contam narrativas perdidas no tempo. Para ter plausibilidade científica (histórica), os depoimentos – em que se inscrevem a memória – devem ser criteriosamente avaliados pelo pesquisador, ou seja, passar por uma “crítica das fontes”:

A possibilidade de realizar entrevistas de história oral com pessoas de grupos sociais distintos não exime o pesquisador da interpretação e da análise do material colhido. Falar de história democrática pode levar ao equívoco de se tomar a própria entrevista não como fonte – a ser trabalhada, analisada e comparada a outras fontes – e sim como história. (ALBERTI, 1996, p. 5)

Desse modo, dentro da cidade, nas praças, e ruas há diferentes atores sociais, sendo fundamentais para as histórias do lugar, tornando necessário trilhar os caminhos desses espaços para conhecermos os que parecem invisíveis aos olhos. É neste sentido, que ao dialogar com velhos pioneiros e imigrantes sobre a construção da cidade, foi possível saber como eles chegaram, por que vieram para Paragominas e o que vivenciaram, assim tornando-se possível descobrir algumas pessoas desconhecidas e apagadas das memórias consideradas oficiais. Contudo, elas se reconhecem nas histórias do lugar.

Para tal reflexão, foi fundamental realizar um diálogo teórico com estudos oficiais já existentes no lugar, para tentar mapear famílias que ajudaram a construir a história de Paragominas e, a partir de então, sair em busca dos narradores sobreviventes, ao tempo. Esse vazio constituído pela carência de uma história vivida aflora uma demanda pelo passado, que passa a ser o significante do presente. Segundo Ecléa Bosi:

Quando uma sociedade esvazia seu tempo de experiências significativas, empurrando-o para a margem, a lembrança de tempos melhores se converte num sucedâneo da vida. E a vida atual só parece significar se ela recolher de outra época o alento. O vínculo com outra época, à consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião a alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância. (BOSI, 1987, p. 40)

O espaço da cidade e as práticas em torno dela, também trazem consigo toda uma rede de representações, de memórias que se entrelaçam, reconstruindo no imaginário todo um lugar que sofreu inúmeros conflitos, mas que conseguiu se estabelecer e ganhar novos olhares. Ao percorrer o ambiente do estudo e conversar com imigrantes pioneiros, as lembranças “ganham

pernas” e puderam se tornar informações concretas; ao invés de apenas falar de um lugar, vive-se esse lugar, fundindo as práticas do cotidiano com o comportamento no espaço, como afirma De Certeau:

Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legitimidade dos outros, tempos empilhados que podem se desdobrar, mas que estão ali antes, como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo. (DE CERTEAU, 1996, p. 189)

Foi importante, ainda, valorizar além das lembranças que estão nas memórias das pessoas, as marcas que a História deixou ao longo do tempo na cidade: em suas praças que levam o nome do pioneiro do lugar (Célio Miranda), nos comércios, e nas residências; bem como entender a cultura como “expressão de todas as dimensões da vida, incluindo valores, sentimentos, emoções, hábitos e costumes, associada a diferentes tipos de realidade” (FENELON, 2004, p. 09). Resgatar narrativas da memória, como mais um campo de reflexão foi fundamental neste trabalho, pois a partir dessas memórias ampliaram possibilidades de explicação, interpretação e investigação social, como nos diz Michael Pollak:

Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si... A memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais. (POLLAK, 1992, p. 200-212)

Assim, refletir sobre as diferentes memórias que compõem as histórias de Paragominas faz pensar nas reconstruções das histórias do lugar, sem deixar de realizar uma interlocução com as histórias oficiais e de seus moradores, para se entender como a cidade se desenvolveu em suas relações sociais, percebendo como os traços comuns foram interpretados nas documentações, sejam orais ou escritas.

## **1 História oficial de Paragominas**

Paragominas é um município localizado no sudeste paraense a 300 km da capital Belém. Município que nasce próximo à rodovia Belém Brasília, no período do governo presidencial de Juscelino Kubitschek, com intuito de colocar em prática seu plano de metas – oito e nove – o

presidente resolveu construir uma rodovia que interligasse o Norte com o restante do Brasil, sonhando com a integração da Amazônia.

Segundo pesquisa feita sobre a cidade, uma professora historiadora chamada Gláucia Lygia Rabello Leal, faz um estudo histórico sobre o lugar e em seu livro relata:

Antes da construção desta rodovia o Pará vivia, praticamente, isolado do restante do país. Para se chegar à capital paraense somente por via aérea ou marítima. Ou se partia do Maranhão, a única opção por terra, seria através de uma picada, acompanhando a costa, passando por Santa Helena, Viseu, Bragança e, daí, pela costa do salgado, atingia-se Belém, no chamado “caminho do telégrafo” e, também através desta rota, o gado era trazido até o Pará. (LEAL, 2000, p. 19)

Dessa forma, se deu o nascimento de Paragominas, em função da construção dessa rodovia que, antes, passava dentro da cidade, porém devido à existência de muitas ladeiras, foi desviada e, hoje, está ligado à BR-010, distante 12 km da estrada. Paragominas se difere dos outros municípios do Pará por não ter sido colonizada por portugueses, nas missões jesuítas, e por não fazer proximidade com o mar ou grandes rios. O município não nasceu por acaso, ele foi planejado em um mapa de localização e um projeto feito da cidade. Em uma expedição, seu idealizador Célio Rezende de Miranda, junto com seus assessores Eliel Pereira Faustino e Manoel Alves de Lima implantaram a cidade.

Célio Miranda nasceu em Minas Gerais e segundo relatos oficiais:

Ele construiu Paragominas com recursos próprios e com a venda das glebas de terras para aqueles que pretendiam fixar-se na região, criando várias fazendas, atestados por documentos, pois o dinheiro era empregado na construção da cidade, sem ajuda de Governo federal ou Estadual. (LEAL, 2000, p. 22)

A ideia de construção da cidade surgiu quando Onofre Rezende de Miranda (irmão de Célio Miranda) que, por meio de uma entrevista com Juscelino, soube de seus planos de construção da rodovia e perguntou se poderia implantar uma comunidade ao lado da estrada. Sendo assim, Célio Miranda estudou mapas e aerofotogrametou o local onde seria implantada a cidade. Entre os rios Gurupi e Capim, começaria uma colonização e isso só foi possível com o advento de uma cidade. Apoiado pelo presidente, Célio Miranda entregou o documento cedido pelo presidente ao governador do Pará, na época, Magalhães Barata, com o pedido de doação da gleba de terra por ele escolhida. O governador atendeu ao pedido e a construção se iniciou.

Depois de vários dias de viagens vias marítimas e terrestres, pois a rodovia estava em construção e o acesso era muito difícil. A equipe de Célio Miranda chegou ao local e se iniciou

a demarcação das fazendas e terras que iriam formar o lugar. Após escolhido o lugar, foi preciso dar-lhe um nome, muitos foram sugeridos, porém Célio Miranda convocou Manoel Lima, Eliel Faustino e Severino Guimarães e anunciou:

Num certo momento de inspiração, disse Célio Miranda que, estando às terras localizadas no Estado do Pará, sendo os pioneiros goianos e ele, o idealizador do projeto, nascido em Minas Gerais, mineiro, bem como, os investidores que haviam adquirido as glebas de terras, gerando o capital necessário, o nome adequado seria PARAGOMINAS, por que: PARÁ (estado onde seria fundada a cidade), GO (Goiás, em homenagem aos companheiros de caravana e colonizadores) MINAS (estado de origem do idealizador Célio Miranda). (LEAL, 2000, p.51-52)

Por fim, em meio a desmatamentos e abrindo densas florestas com ajuda de máquinas, já que que havia lugares em que as máquinas não conseguiam adentrar, ocorreu a abertura das mesmas a facções e, assim, a construção de Paragominas começou a ganhar forma e em 23 de janeiro de 1961 foi lançada a pedra fundamental do futuro município, com a representação do bispo de Bragança, Dom Eliseu Caroli, que realizou uma missa solene, na igrejinha de madeira, ao pé do cruzeiro e abençoou a nova “Vila de Paragominas”.

Atualmente Paragominas, tem muitos atrativos para práticas do lazer e se tornou bem desenvolvida; suas praças são bem estruturadas, possuindo uma em cada bairro; suas ruas asfaltadas; suas casas bem construídas; e o símbolo do progresso da cidade está no único prédio de doze andares que simboliza o crescimento e modernidade da cidade. Culturalmente Paragominas conta com diversas manifestações, entre elas uma famosa feira agropecuária denominada “Agropec”, realizada num lugar que atrai diversos investidores e mostra suas principais produções, como o polo moveleiro e o cultivo de grãos. No início, o município tinha como principal economia: a madeira e suas carvoarias, após alguns anos passando para a agropecuária e hoje investe na produção de móveis MDF. Em virtude de no começo da construção da cidade ter ocorrido um devastador desmatamento, a cidade atualmente tem um projeto de reflorestamento que lhe deu o mérito de município verde.

A cidade é habitada por diversos povos que migraram de seus lugares nativos por conta dos atrativos do novo espaço, trazendo consigo traços diferenciados e outros aspectos da urbanidade que ajudaram a formar o cidadão de Paragominas. No percurso da investigação, olhar para a cidade ajudou a compreender os narradores, suas diferenças e suas composições numa dimensão visível e tangível em que o olho que via, ao mesmo tempo também palpava.

## **2 Sujeito, narrativa e história: o olhar da memória.**

As narrativas, assim como os lugares da memória, são instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições. Narrativas sob a forma de registros orais ou escritos são caracterizadas pelo movimento peculiar à arte de contar, de traduzir em palavras as reminiscências da memória e a sua consciência no tempo. São importantes como estilo de transmissão, de geração para geração, das experiências mais simples da vida cotidiana e dos grandes eventos que marcaram na história da humanidade. São suportes das identidades coletivas e do reconhecimento do homem como ser no mundo. Possuem natureza dinâmica e, como gênero específico do discurso, integra a cultura de diferentes comunidades. São peculiares, incorporam dimensões materiais, sociais, simbólicas e imaginárias. Plenas de dimensões temporais e tem na experiência sua principal fonte (BENJAMIN, 1994).

As narrativas possuem a potencialidade de fazer viajar o ouvinte, através da viagem narrada. Como fontes para construção do conhecimento histórico, seu potencial é inesgotável, pois, também, como afirma Benjamin, “incorporam as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIN, 2004, p. 99). Em outras palavras, possibilitam “pontuar entre o momento da fala e o eternizar da escrita, desvãos que vazam no tempo o sentido da existência” (GROSSI; FERREIRA, 2001, p. 26).

Hoje, em um mundo marcado pela cultura virtual e pela velocidade, muitas vezes, descartáveis das informações, tendem a desaparecer os narradores espontâneos, aqueles que fazem das lembranças, convertidas em casos, lastros de pertencimento e sociabilidade. Nessa dinâmica de velocidade incontida, desenfreada, perdem-se as referências, diluem-se os substratos da vida, reduzem-se as possibilidades de construção do saber.

Os narradores e imigrantes pioneiros, encontrados na cidade, estão preocupados com a transmissão das heranças do passado que possam servir como esteio para o futuro, buscam alternativas para que os registros vividos por eles não se percam no tempo, pessoas, anônimas ou não, precisam funcionar como um dos elos entre o que passou e o que ficou, e se transformar no olhar do tempo presente sobre as experiências do tempo ido, mas não mais perdido. A narrativa contém em si força ímpar, pois é também instrumento de retenção do passado e, por consequência, suporte do poder do olhar da Memória.

Os melhores narradores são aqueles que deixam fluir as palavras na tessitura de um enredo que inclui lembranças, registros, observações, silêncios, análises, emoções, reflexões e testemunhos. São eles sujeitos de visão única, singular, porém integrada aos quadros sociais da Memória e da complexa trama da vida.

As reflexões acerca da Memória são uma das preocupações de muitos que trabalham com relatos orais. Dar voz às memórias, de modo especial, àquelas dos grupos que não tiveram sua participação registrada nos documentos oficiais dos acontecimentos históricos, é importante por várias razões: dar condições para situar diferentes posturas, ou seja, as leituras plurais dos acontecimentos; romper com as interpretações lineares dos fatos; recolocar no cenário da História os diferentes sujeitos, projetos, valores e interesses e superar a concepção de que os grupos subalternos são passivos diante das ações dos grupos dominantes.

O sujeito que narra é portador de uma Memória que constrói no tempo a História. É uma Memória poderosa que faz emergir o presente. Esse sujeito, no ato de narrar o eterno presente de sua vida, considera este momento mais importante ao trazer as lembranças de acontecimentos nesta arte de contar. Então, se no ato de lembrar remonta-se ao passado vivido, a lembrança, conforme Halbwachs (2009) seria uma reconstrução do passado, a partir das vivências do presente. No caso em questão, a reelaboração do passado, via memória, realiza-se através da oralidade. As lembranças reorganizam-se em linguagem no ato da narrativa, do contar e recontar.

A busca das histórias em torno do surgimento da cidade de Paragominas foi encontrada no livro da historiadora que reside na cidade. A professora Glauca Leal em seu livro *Paragominas: a realidade do pioneirismo* (2000) que conta a história oficial da origem da cidade, porém, agora, essa pesquisa procurou ouvir pessoas que viveram a construção para observar os pontos que se assemelham ao relato oficial e se contradizem através de histórias contadas por pessoas que vivenciaram o processo.

No decorrer da pesquisa, em setembro de 2013, não foi nada fácil encontrar os narradores. Eles serão identificados por números, devido a não termos tido permissão formal para identificá-los pelos nomes, motivo por que os ocultaremos. O narrador um, foi um dos pioneiros na cidade, é cearense e fez parte da caravana de homens que abriram a floresta a facção. Carrega consigo um nome bem emblemático, Foice, ele faz questão de ser chamado dessa forma. Todos na cidade o conhecem e o chamam pelo apelido significativo, pessoas que ele nem conhece, mas sabem quem ele é:

Por todo o canto que eu ando nessa cidade o pessoal grita: ei ( ) da Foice! Eu não sei nem quem diabo é, mas que tem muita gente que me conhece que eu já não conheço mais né, que a cidade cresceu, muitos foram se bora daqui, depois vortô, que a pessoa mais velha fica no conhecimento, mas o mais novo a gente perde a “filosomia” né. Mas todo o canto dessa cidade é de dia é de noite, que eu ando de a pé na cidade toda, o cabra grita: ei ( ) da Foice! Eu olho não sei nem quem é. (Narrador um)

O narrador dois também compõe o quadro dos pioneiros na cidade. Foi um dos topógrafos que demarcou as primeiras terras que iriam dar lugar à cidade de Paragominas, veio junto com a equipe do idealizador Célio Miranda. É paraense, imigrante também em Paragominas:

Bem, eu sou ( ), sou topógrafo, sou paraense, sou um dos fundadores da cidade de Paragominas, estou aqui desde a época da fundação, cheguei aqui em 1959 no dia 8 de agosto, cheguei a pé, porque a ponte lá do rio Ipixuna estava em construção, tava interrompido o tráfego não podia passar, aí a gente veio até Ipixuna de carro e de lá viemos a pé aonde seria Paragominas na época. (Narrador dois)

O narrador três chegou à cidade, quando já se formava a vila, é paraense, não participou da demarcação, mas presenciou acontecimentos históricos, como a placa com o nome Paragominas, escrita a carvão e a idealização do nome do lugar:

Eu vim de São Francisco do Pará, perto de Castanhal... Tinha três casas, já tinham desmatado, por onde era o começo da cidade aqui, já tinham desmatado, tinha uma pequena serraria, do Gerônimo, hoje ele mora em Castanhal... Eu conheci o idealizador daqui, e o nome Paragominas surgiu, porque foi uma pequena expedição que vieram de Belém, já com a ordem de ser uma cidade aqui, e pegaram uma ordem autorizada pelo governador, parece que era Alacid Nunes na época, e chegaram aqui, fincaram a placa... vi, eu acho que hoje ainda existe ela pela prefeitura... E esse nome surgiu de Paragominas por causa das três pessoas que vieram um paraense, um mineiro e um goiano. (Narrador três)

O narrador quatro foi quem abriu nossos olhos na caminhada à procura dos outros narradores. Ele é genro de uma senhora que encontramos e nos indicou onde poderíamos encontrar os narradores. Esse narrador faz parte da terceira geração de imigrantes vindos de Minas Gerais para Paragominas. Falou que seu tio foi um dos pioneiros na cidade, mas como não se encontrava na cidade no período em que estávamos no campo de pesquisa, não conseguimos entrevistá-lo. Este narrador relatou muitas histórias que seu tio contava e a partir daí pode-se fazer muitas anotações do que ele nos revelou através da sua memória construída e herdada.

As narrativas de chegada desses imigrantes, suas experiências nos primeiros tempos, nos diversos lugares, são conjunções de memórias, construídas com certos conteúdos do passado individual e com outros do passado coletivo, mas, essencialmente, condutoras de revelações. São relatos fecundos, pois muitos contam as histórias do antigo lugar, outros narram as histórias e sonhos no novo lugar. Desse modo, as paisagens são redesenhadas e os sonhos reconstruídos, pois estão presentes, ainda, o mito do desbravamento e o orgulho de serem de um dos grupos de pioneiros da cidade.

As narrativas retratam ângulos das histórias desses imigrantes que emitem signos ao esmiuçarem a maneira de viver, de perceber os tempos vividos, os tempos de sofrimento, de violência, de ousadias, enfim, de enfrentamento nesse novo lugar. E, nessa passagem, quem descreve a sua experiência, recheada de tempos vividos nas trajetórias, nos cotidianos, nas lutas para a chegada, e da sua odisséia de partida em direção ao Pará é o narrador dois, que conta o porquê de sua vinda para Paragominas e a idealização do nome da cidade que ele viu e fotografou todo o acontecimento. Ele era o fotógrafo oficial dos acontecimentos históricos da cidade, por isso não aparece muito no livro oficial da cidade. Assim ele narra sua história:

...Eu conheci o pessoal que estava vindo pra cá, porque aqui teria topografia e eu tava iniciando, na época, o trabalho né. E eu me juntei a eles, eles tavam vindo, os topógrafos, a maioria de Goiás né, e tinha um gaúcho e só eu de paraense, e ai eu vim a trabalho. Então, a gente começou fizemos o levantamento da estrada, daqui do quilometro 145, aqui próximo, até a divisa do município, até Itinga no Maranhão, fomos a pé pela estrada, fizemos um levantamento topográfico, pra poder a gente fazer projetos para a margem direita ou esquerda da cidade, pra fazer a demarcação das áreas que hoje são propriedades né, e que iniciou, Ai a gente chegou aqui em 59, o restante pro final do ano, por ai, e eu não lembro assim com precisão uma data certa e teve uma reunião para a escolha do nome, que nome seria. Ai naturalmente começou são fulano, santo não sei que, aquelas coisas toda, os devotos de qualquer santo ai queria um nome assim. E o Célio Miranda, com muita sabedoria, disse: não a gente gostaria de homenagear, o Pará, naturalmente, por está cedendo a terra, tá certo, homenagear o povo que veio pra fundar, na maioria goianos, o Vicente Gomes Machado ele era paulista, nascido em Marília, mas ele já era erradicado em Goiás, morava em Goiânia, por isso ele tava vindo como goiano, ele era engenheiro agrimensor, ele que comandava a nossa equipe, era o braço direito do Célio Miranda, Célio vinha aqui de vez em quando e o Vicente ficava mais, comandando a equipe de topografia. E então, naturalmente, homenagear Minas Gerais, porque o Célio Miranda era mineiro de nascimento também, certo. Ai como é que faz, começou a estudar se colocava Minas Gerais primeiro, se Goiás primeiro, não, por força, o certo seria homenagear o Pará primeiro, porque é o dono da área, certo. E foi assim que começou, a discussão um tempão, até que chegou-se a uma consenso ai e que todos concordaram, inclusive a placa que foi colocada, escrita a carvão, primeira placa, escrita a carvão, é Paragominas, como ficou né, Pará, uma silaba de Goiás né, e Minas. Por isso foi escrita para homenagear os três estados e escrita assim, todos concordam, essa placa ainda tem no livro que foi escrito aqui, ainda aparece a foto, que eu fotografei, eu era o fotógrafo oficial da equipe e eu não gostava de se fotografado, não fazia questão nenhuma, e eu fotografava, ai hoje alguém me pergunta: e você aparece pouco nas foto? Eu digo era, porque era eu que fotografava ai todos ah tá bom, tá explicado né. (Narrador dois)

A narrativa do Narrador dois sobre a história de sua chegada à Paragominas perpassa por alguns fatos que marcam o surgimento da cidade. Nesse cenário de lembranças, em que ele rememora sua chegada, faz referência a Célio Miranda, o idealizador da cidade. Esse fragmento traz em si a história e a experiência vivida de um homem que conheceu sujeitos históricos da cidade e, principalmente, o grande acontecimento do nome dado ao novo lugar, totalmente idealizado e planejado, os sujeitos que fizeram parte dessa história de desbravamento e sonho.

Em outro momento, o Narrador dois relata sobre a primeira casa que foi construída na cidade, mas ao contrário do que comumente acontece, o de uma cidade se iniciar com um vilarejo. Paragominas foi diferente, a primeira casa construída foi demarcada por ele. Conforme afirma:

Então, ai aqui foi pra nós a primeira cidade construída tá certo, a primeira cidade que teve uma casa que foi construída com lote demarcado, porque todas as demais cidades do Brasil começou com um povoado né, povoado, vilarejo e foi aumentando e depois emancipou pra cidade. Aqui não, aqui foi a primeira cidade, a primeira casa foi construída em um lote demarcado. (Narrador dois)

Essa narrativa contada pelo Narrador dois consta no livro oficial da cidade e merece destaque, pois esse senhor presenciou o acontecimento e, com isso, se torna uma memória viva da História de Paragominas. Porém, em contradição com a história do Narrador dois, encontramos o Narrador quatro que é filho de um imigrante pioneiro que através de sua memória herdada relatou a respeito da construção da cidade. O narrador disse que a história real é outra, disse, ainda, que na verdade, o livro que fala da cidade não retrata o que realmente ocorreu naqueles tempos difíceis, quando sua família, atraída pelas terras, veio embora de seu lugar. E que seu avô teria vindo por primeiro, sendo ele o demarcador das terras e tendo derrubado às árvores, mas segundo seu mito, quem ganhou fama de fundador teria sido o Célio Miranda, por ter conhecimento em Brasília. Eles são da família Leão muito conhecida na cidade e contou também, que essa família havia sido morta em consequência das lutas de terras, o que era muito comum na época de formação da cidade.

É possível perceber que chegar a Paragominas representava, para alguns, a esperança da chegada ao paraíso. Esse fato, o da consumação dessa façanha, faz parte daquele sonho de uma vida melhor, a saída da pobreza do seu lugar de origem e se deparar com um lugar novo, planejado e com muita expectativa de dar certo. Encontramos muitas fotos, porém de acontecimentos que marcam a história oficial, política e econômica, no entanto, algumas lembranças só estão registradas na memória dessas pessoas, como, por exemplo: pequenos detalhes do espaço, o que se tinha na época, as primeiras construções e a reconstrução do presente, que se formos buscar, no olhar alcançado, percebe-se a grande transformação que a cidade sofreu ao longo do tempo. Como descreve o Narrador um:

Olha pra melhor lhe falar, sabe aqui essa igreja católica, que tá bem aí no canto dessa praça grande? Quando eu cheguei aqui, na Belém-Brasília, passei aqui, eu fui pra

Belém passei 11 dias em Belém, voltei, cheguei aqui no dia 19 de fevereiro de 1962, tô aqui até hoje, só ali na frente, ali onde tem aquela carcaça velha que tá ali perdida, havia umas barracas velhas todas de madeira, coberta de cavaco, bem ali na esquina onde tem uma casa velha ali que tá morrendo lá, se acabando, lá perto do banco, lá tinha uma primeira igreja católica, não que aqui tivesse padre, vinha um padre de São Miguel dirigir a missa aqui de ano a ano, fazer um casamento, um batizado, o primeiro casamento daqui foi até de um cearense, ele já morreu, a mulher dele tá viva, o primeiro batizado foi dum menino que era filho de um goiano, dos primeiros que veio aqui em Paragominas, o pai dele já morreu e o menino tá aí vivo. E lá na frente, tinha uma barraquinha feia... Por aqui não tinha prefeito, não tinha vereador. (Narrador um)

Outro aspecto ainda a considerar, sobre essas experiências vividas por esses imigrantes, é o apresentado pelo Narrador um, quando descreve sobre o assassinato do primeiro prefeito da cidade, Amilcar Tocantins. Ele diz que esse prefeito mudou o perfil da cidade marcada pela violência e de pessoas vindas de todo lugar do Brasil, devido seu punho forte e militarismo. Segundo o Narrador um, passou-se assim:

O primeiro prefeito daqui que era o Amilcar Tocantins Batista, que é o pai desse que hoje é o prefeito, Amilcar Tocantins foi prefeito e tirou 5 anos de prefeito, quando tava faltando cinco meses pra ele tirar o mandato de prefeito dele, baixaram bala nele lá dentro da exposição. E ele fez muito por essa cidade, sem ter nada, porque não tinha município, Belém não tinha recurso. Aqui tinha muita gente ruim, minha filha, então ele era um homem... O filho dele hoje é prefeito aí, mas eu falo na cara dele, o Paulinho não tem coragem, não tem iniciativa. Agora Amilcar, não! Amilcar era um homem de punho, um homem de respeito, um homem de moral... Isso aqui foi uma cidade fundada só por gente de fora né, e ele acharia que como ele um prefeito, pelos militares, ninguém tinha peito de atirar nele. Eu cansei de avisar seu Amilcar. (Narrador um)

O que se torna visível na experiência apresentada é a de que o narrador que conta vivenciou e conviveu com sujeitos que marcaram a história da cidade e que hoje só estão na memória. Portanto, a verdadeira história, como a morte de Amilcar Tocantins, só pôde ser narrada por quem a vivenciou de verdade.

A História busca produzir um conhecimento racional, uma análise crítica através de uma exposição lógica dos acontecimentos e vidas do passado, com prevalência documental. A memória, por sua vez, também é uma “construção do passado, mas pautada em emoções e vivências, ela é flexível e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente” (FERREIRA, 2002, p. 321). É baseada, portanto, nas evocações de pessoas sobre o passado – pessoal e ao mesmo tempo coletivo. Pinto traz uma importante contribuição, afirmando que:

A memória recupera a história vivida, história como experiência humana de uma temporalidade, e opõe-se à história como campo de produção de conhecimento, espaço de problematização e de crítica. Na operação histórica, o passado é tornado exclusivamente racional, destituído da aura de culto, metamorfoseado em

conhecimentos, em representação, em reflexão; na constituição da memória, ao contrário, é possível reincorporar a ele, passado, um grau de sacro, de mito. (PINTO, 2001, p. 297)

Em outra passagem citada pelo Narrador um, denota-se que as representações construídas – com relação à pedra fundamental, o primeiro cruzeiro da cidade e o primeiro prefeito eleito pelo povo – eram ligados aos moradores, porém com o consentimento do prefeito da época, foi tudo destruído. O espaço e esses monumentos que marcam a história oficial passaram a ficar nas lembranças, o lugar onde memória e imaginação não se dissociam.

Nesse espaço reconstruído pela memória e, através da ação mútua do povo que expulsou o prefeito, nasce o sentimento de pertencimento ao lugar. Na vida desses homens que ajudaram a construir a cidade de Paragominas, tudo que se foi erguido por sua força e coragem tinha que ficar preservado, pois faz parte da identidade e memória histórica do lugar. Como nos afirma o Narrador um:

Agora, pra começar, se vocês querem saber como é que foi os primeiros homens de Paragominas, aqui tá muito tarde, hoje tá diferente, mas eu mostro pra vocês, até a pedra fundamental dessa cidade, o primeiro cruzeiro, que os padre montou nessa cidade, foi lá na frente, um prefeito que foi aqui, o primeiro dessa cidade eleito pelo voto do povo foi um capixaba, quando ele entrou na prefeitura meteu trator, arrancou pedra fundamental, arrancou cruzeiro, levou tudo no lixo, só que ele só ficou dentro da prefeitura um ano. Aqui a cidade era desse tamanho, mas o povo pegou ele lá dentro da prefeitura, era uma prefeitura velha, que hoje é até a câmara, e outros órgão, que foi até o Amilcar que construiu, meteram o cassete nele, pedra e o diabo, arrancaram ele de dentro com advogado, com tudo, e ele saiu correndo com os bagulho no peito e foi parar lá em baixo. (Narrador um)

Em todas estas representações é possível observar uma espécie de transmutação das experiências vividas. Das descrições do Narrador dois e do Narrador um, depreendem-se que eles foram além do vivido e, trouxeram por meio de narrativas, um conjunto de elementos com fortes significados simbólicos que se ressignificam, permitindo compreender as realizações desses homens ao reafirmarem, igualmente, laços de pioneirismo, de apropriação dos espaços, de formas de instalação e, ainda, a capacidade de suportar a violência que imperava na cidade.

Em outro relato, o Narrador três faz uma comparação da época antiga com a atual e revela as mudanças ocorridas no espaço e sua preferência pelo hoje, pois a cidade, apesar de ter sido planejada, foi marcada pelo crescimento populacional desgovernado e pela falta de infraestrutura adequada, mesmo assim, essas pessoas que viram o crescimento acontecer, se orgulham pela nova representação e condição que Paragominas oferece.

Conforme nos afirma o Narrador três: “Eu acho que a época antiga era bom, mas agora tá melhor, porque ela tá mais evoluída, cresceu, e chegou numa posição que tá boa, muita coisa, muitas lojas”.

Assim, o olhar dos narradores perpassa pelas histórias dos lugares da chegada. Face às histórias sobre esse lugar, contadas por alguns narradores pioneiros e, também, pelos historicistas que descrevem Paragominas à época como sendo um lugar do novo, do planejado, do desenvolvimento, da modernidade e do progresso. Porém, as histórias contadas no livro oficial narram as benfeitorias dos homens que idealizaram a cidade, e conhecidos como desbravadores, mas muitas pessoas que viveram e que morreram nessa empreitada não foram ouvidas, para que pudessem revelar suas angústias e vitórias.

A História, como a memória, não é neutra. Ao contrário do que pensavam os historiadores positivistas do passado, o *fato histórico* não é dado: o contexto em que o pesquisador se insere influi na forma como ele define e interpreta o fato histórico (LE GOFF, 2003). Nesse sentido, sabemos também que a História pode ser manipulada, e foi várias vezes no passado, encobrindo verdades que não foram ditas e que atualmente estão sendo reveladas gradualmente.

A memória coletiva é constituída por lembranças do passado que transcendem a individualidade e são compartilhadas socialmente no domínio da vida comum. Encontra-se ancorada na história individual e vai emergindo-se à medida que são feitos os encadeamentos e as relações do que é manifestado nas lembranças. A memória torna-se, portanto, o caminho pelo qual a existência retorna esculpindo a História. Para Le Goff (2003), é nas novas leituras do passado, de reinterpretação constante no eterno presente, que se situam as marcas do vivenciado e as evidências de cada época.

Quando se discute a memória como esteio das relações sociais e veículo possibilitador de estudos sobre a história local, é preciso refletir sobre a diferenciação existente entre história e memória. Para Halbwachs (apud MONTENEGRO, 1994, p. 17), “a memória trabalha com o vivido, o que ainda está presente no grupo, enquanto a História trabalha e constrói uma representação de fatos distantes”. Nessa perspectiva, Nora (1997) propaga a ideia de que a memória liga-se à lembrança das vivências por laços afetivos e de pertencimento, portanto é aberta e em permanente transformação; enquanto a História é a crítica e a reflexão sobre a memória.

Bosi (1992) evidencia, na narrativa dos guardiões do passado, esta relação entre a conservação do passado e a sua articulação com o presente, advertindo sobre o processo de desfiguração que o passado sofre ao ser remanejado pelas ideias e pelos ideais presentes no narrador. Nesse aspecto, cabe-nos compreender as palavras de Samuel (1981, p. 44) de que “a

memória é historicamente condicionada, mudando de cor e forma, de acordo com o que emerge no momento, de modo que, longe de ser transmitida pelo modo intemporal da tradição, ela é alterada de geração em geração”.

Possivelmente, a chegada para os narradores aconteceu de forma diferenciada, alguns participaram de forma ativa e outros foram se infiltrando na empreitada. Mas, a maioria vivenciou o mesmo acontecimento, conheceu as pessoas do passado, possibilitando assim a verdade da história, cada um, vê a cidade de Paragominas de um ponto de vista. O Narrador um presenciou mortes que o Narrador dois não relata, pois para ele esse acontecimento não lhe foi tão marcante quanto para o outro.

Segundo Walter Benjamin (1984), o mundo está em pedaços e a história se assemelha a um amontoado de ruínas, sendo impossível para o homem reconquistar a unidade perdida. O que resta a ele? A salvação está em recolher os “cacos”, não para reencontrar o passado como ele foi e sim para buscarmos o que foi esquecido e abafado pela violência dos grupos no poder. Deter-se sobre as ruínas é criar outra memória que não é a da história oficial.

A historiografia oficial evoca o passado ativando recordações regidas por uma temporalidade única, linear, ordenando os acontecimentos de forma que as pessoas lembrem-se apenas do saber já feito, dos eventos já realizados e submeta-se a um modelo que dita às normas do conhecer e do agir. Criar outra memória, além da já construída e estabelecida, é rememorar (e não recordar ou lembrar) o passado. Surge aqui, uma memória imaginativa que brota da descontinuidade da vida e nos ajuda a compreender quem somos.

Se de um lado a história permite atingir o universal, de outro, por meio dela, reconhece-se a sua singularidade, pois um fato ou um acontecimento é sempre único, nunca se repetirá. É nesse sentido, que Le Goff (2003) argumenta três consequências do reconhecimento da singularidade do fato histórico: a primazia do acontecimento, o privilegiar os grandes homens, e a sua redução a uma narração.

O ato de rememorar é, sobretudo, o trabalho de localizar lembranças no tempo e no espaço. Nas entrevistas com os narradores, percebemos que eles lembram eventos, acontecimentos, lugares que sempre estarão localizados no espaço da cidade a eles vinculados, por isso Halbwachs (2006) afirma que nossas memórias se dividem em acontecimento que marcam mais e outros que marcam menos, não que eles não sejam importantes, mas que alguns dos acontecimentos precisam ser importantes para serem guardados na memória, outros acontecimentos desagradáveis ou considerados de pouca importância não são lembrados, a não ser se forem rememorados por alguém da coletividade.

Nesse ato de rememoração, os narradores, além de trazerem à tona suas histórias, acabam por reconstruir, nas lembranças, cenários que existiam no passado “só ali na frente, ali onde tem aquela carcaça velha que tá ali perdida, havia umas barracas velhas todas de madeira, coberta de cavaco” (Narrador um). Com essas lembranças, ainda, vivas na memória, podemos fazer uma reconstrução do espaço da cidade antiga para a atualidade. E, assim, é possível perceber que os relatos das lembranças se transformam num instrumento analítico, que pode ser utilizado na leitura e na evolução da memória de uma nação, de uma região ou de um lugar, pois assinalam o universo social de onde estão.

Provavelmente, a impressão anterior que trata da fundação e do novo espaço construído, Paragominas, leva-nos a crer no espírito de renovação e de esperança dessa cidade planejada e construída para ser referência do progresso, do novo, dando outro aspecto para essa Amazônia, até então isolada. Contar os acontecimentos, os eventos e os fatos que os cercam, e que compõem a memória do seu lugar, trazendo-os para o momento atual, é renovação e orgulho. Apesar de a cidade ter sido toda planejada e projetada ela ainda era um sonho, porém percebe-se nas narrativas a esperança de concretização e a própria confiança no idealizador Célio Miranda. Acreditava-se no que ele estava fazendo e, a população, talvez, sem entender muito bem, acreditou e confiou na empreitada.

Nesse contexto, Paragominas foi uma cidade totalmente construída, mesmo sem recurso, pois o seu idealizador Célio Miranda, segundo relatos de memória e oficiais, fazia questão da concretização do seu projeto a qualquer custo, por isso, trouxe pessoas de todo lugar para investir na cidade com a promessa do dinheiro rápido e fácil, gastando dinheiro público, desmatando e envolvendo pessoas em um sonho de uma cidade modelo, como Brasília. Como podemos observar no detalhe que só aparece nas narrativas contadas. Conforme afirma o narrador dois:

Não, nós demarcamos, nós a equipe do Célio Miranda, fizemos o projeto e inclusive eu tenho o projeto aí, e ao longo da Belém-Brasília da margem direita e esquerda, até o rio capim e ao rio Gurupi, foi demarcada as áreas aí, de 4356 hequitares, ou seja, 900 alquiles. Então a áreas destinadas a grandes fazendas e o pessoal que comprou era um pessoal que tinha recurso lá, lá fora né, o pessoal do Paraná mais do Paraná, mas tinha gaúcho também, baianos, mineiros, esse pessoal investiu, porque o Célio Miranda foi até eles, nos escritórios deles, casa e tudo, pra apresentar a vantagem pelo preço da terra, que aqui era custo quase zero pra eles lá, entendeu, muito barato, e com a garantia do governo de fazer o financiamento chamado de Pro-terra. No Pro-terra, a pessoal recebia um financiamento pra desmatar até 50% da área, que hoje esses 50% demarcado tá o Ibama agora contra isso, ai principalmente Paragominas, tá penalizado, o Pará todo por causa desse desmatamento que não podia fazer, mas na época ou você fazia o desmatamento ou não teria direito ao financiamento desse aí. Então, por conta dessa garantia, dessa promessa de financiamento o pessoal comprou lá as áreas pra investir não o dinheiro deles, mas o dinheiro daqui mesmo, o dinheiro

do estado né, tá certo, o dinheiro do Pro-terra, então isso é fácil demais, quanto eles vão gastar? Não você para aí mil reais, fica com área e de lá você consegue 10 milhões né, de lá mesmo, então é um risco? É, mas você não tá arriscando nada seu, tá arriscando dinheiro que era do próprio estado né. Então, esse pessoal aí veio, pegou esse dinheiro aí, fez um movimento aí, aí uns foi embora, outros deixaram terra ou vendeu barato, enfim, e outros continuam, mas houve isso nessa época. Aí houve pessoa que depois desanimou e depois voltou né, vendeu, outros tem. (Narrador dois)

Enfim, Paragominas construída não se apresenta apenas por uma mudança necessária ao território e, sim, uma renovação de vida cotidiana, a partir de um espaço socialmente reconstruído. Construir um espaço não significa somente existir, mas estruturar instituições sociais que possibilitem o funcionamento dessas relações no espaço habitado.

### **Considerações finais**

Entender como os narradores imigrantes chegaram, como se estabeleceram foi possível por suas narrativas orais de vivências que contam uma história da cidade, isso se tornou importante, para que pudéssemos refazer os caminhos trilhados por essas pessoas que presenciaram e participaram da construção de Paragominas.

Assim, envolvidos na pesquisa e nas histórias ouvidas, percebemos que as narrativas orais nos fazem pensar nas histórias familiares, nas tradições orais que passam de geração a geração através da voz ou das vozes poéticas. O que implica lembrar, também, que lá atrás, contar histórias não era apenas uma prática cotidiana, era um ofício comum, nos quais, muitos se encarregaram e por intermédio deles foram repassados ensinamentos e lições de vida.

O pouco tempo passado com os narradores foi uma importante referência para adentrarmos seus universos e possibilitarmos que eles também olhassem para nós como parte, e não à parte, de suas vivências no contexto da pesquisa. Quanto mais nos aproximávamos e aprofundávamos o interesse para com as histórias, mais ganhávamos confiança. Muitos até nos cederam seus telefones celulares, outros no final nos oferecem café, já nos sentíamos amigos íntimos. Quando nos encontrávamos diante dos narradores, esquecíamos que estava fazendo um estudo e nos deleitávamos com suas histórias, era sobre aquele lugar emblemático que conversávamos nesses momentos, afinal todos viveram de perto tudo que havia acontecido na cidade, viram a cidade ser criada e desenvolvida, verdadeiras memórias vivas.

Por tudo isso, entendemos que quando conta suas histórias, o narrador revela não apenas o lado poético do que sabe mas, também, permite a quem o ouve, conhecer a sabedoria que emana da fonte das experiências tecidas, principalmente nas idas e vindas do processo

migratório, dos sofrimentos e mudanças que aconteceram. Somente quem viveu experiências diversas tem o que contar, lembra Walter Benjamin (1986). Experiências são arcabouços das histórias contadas e vividas no desbravamento da construção da cidade. E assim, numa prática que parece tão banal – a de contar histórias – o homem até hoje, tece a teia da sabedoria, repete as histórias que se tornaram importantes para a sua vida, mesmo que elas tenham acontecido com outros. E, ao repetir suas histórias, o contador desperta nos ouvintes o desejo de ouvi-las novamente.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **História Oral na Alemanha**: semelhanças e dessemelhança na constituição de um mesmo campo. Rio de Janeiro: CPDOC, 1996.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembrança de velhos. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1987.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. Tradução de Paulo Rouanet e Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. O narrador: consideração sobre a obra de Nicolai Leskov. In: **Obras Escolhidas**: Magia e Técnica, Arte e Política - Ensaio sobre leitura e história de cultura. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BOSI, Alfredo (Org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**: estratégicas para entrar e sair da modernidade. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. São Paulo: Editora Gêneses, 2003 (ensaio latino americanos).

DE CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves e Lúcia Endlich Orth. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

FENELON, Déa Ribeiro; CRUZ, Heloísa Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. In: **Muitas Memórias Outras Histórias**. São Paulo: Olho d'Água, 2004.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **Memórias da história. Nossa História**. São Paulo: Vera Cruz/Biblioteca Nacional, 2002.

GUSDORF, George. **Mito e Metafísica**. Tradução de Hugo di Primio Paz. São Paulo. Convívio. 1980.

GROSSI, Yonne; FERREIRA, Amauri. **Razão narrativa**: significado e memória. História Oral (4). São Paulo: ABHO, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LEAL, Gláucia Lygia Rabello. **Paragominas: a realidade e o pioneirismo**. Belém: Alves, 2000.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução de Irene Ferreira et al. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

NORA, Pierre. **Entre a Memória e a História: a problemática dos lugares**. Tradução de Yara Aun Khoury. São Paulo: Projeto História. 1997.

PINTO, Júlio Pimentel. Todos os passados criados pela memória. In: LEIBING, Annette; BENNINGHOFF-LÜHL, Sibylle (Orgs.). **Devorando o tempo: Brasil, o país sem memória**. São Paulo: Mandarin, 2001.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, v. 5, n. 10, 1992.

SAMUEL, R. **Teatros da memória**. In: Projeto História 14. Cultura e representação. São Paulo: Educ, 1997.

[Recebido: 20 maio 15 – Aceito: 10 ago. 15]